

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## A MARVEL COMICS E O PROTESTO NEGRO NOS ESTADOS UNIDOS: AS HISTÓRIAS DOS SONS OF THE SERPENT (1966-1970)

Me. Arthur Gibson Pereira Pinto

FGV CPDOC

artugibson@hotmail.com

### Introdução

O presente trabalho busca analisar as histórias em quadrinhos da Marvel Comics com a presença dos personagens *Sons of the Serpent*, em suas relações com o debate político americano, especialmente aquele relacionado à questão racial. Foi feito um recorte temporal entre os anos de 1966 e 1970, perfazendo dois arcos narrativos que foram publicados na revista *Avengers*. Estas foram, também, as primeiras aparições do referido grupo de vilões nas superaventuras do universo Marvel.

O *Sons of the Serpent* é uma emulação da Ku Klux Kan, apresentando um discurso de ódio em relação a estrangeiros e negros, bem como símbolos e rituais típicos do supremacismo branco norte-americano. A criação do grupo de vilões em 1966 se insere na tentativa da Marvel de dialogar mais diretamente com temas sociais que efervesceram os Estados Unidos durante aquela década. As histórias envolvendo os *Sons of the Serpent* nos parecem boas oportunidades para analisar o discurso político produzido pela Marvel sobre a situação da luta racial nos Estados Unidos do período.

Para tanto, nos valem das formulações de Antonio Gramsci para pensar as narrativas da Marvel Comics como inseridas nas disputas políticas dos anos 1960 e 1970, cumprindo um papel intelectual de colaboração na conformação dos consensos e para o restabelecimento da estabilidade política em uma época marcada pela emergência de diferentes movimentos de contestação.

### Os intelectuais e o Estado integral em Gramsci

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

A elaboração da concepção de Estado em Gramsci tem como pano de fundo a derrota do processo revolucionário italiano e a ascensão do fascismo. O pensador sardo buscou compreender por que, mesmo com a grave crise econômica e com a emergência de uma situação revolucionária, não foi possível tomar o poder, ao contrário do que ocorreu na Rússia. É a partir daí que Gramsci observou a configuração das sociedades burguesas ocidentais, onde o Estado já havia se desenvolvido o suficiente para criar redes de relações e instituições complexas. Carlos Nelson Coutinho nos explica que Gramsci distingue três dimensões da sociedade burguesa, uma vez que:

Entre os aparelhos executivos (civis e militares) do Estado e o mundo das relações sociais de produção – que Gramsci chamou, respectivamente, de “sociedade política” e “sociedade econômica”, criou-se progressivamente uma rede de organizações com um papel efetivo na vida política, na medida em que estas organizações são peças decisivas nos mecanismos de reprodução da sociedade como um todo. É a essa rede de organizações que Gramsci chama de sociedade civil (COUTINHO, 2011, p.24).

Nas elaborações do socialista italiano a sociedade civil ganha bastante destaque. É nela que se encontram o conjunto de organizações e instituições como as escolas, universidades, jornais, igrejas, sindicatos, partidos, grupos de opinião, entre outras, que elaboram e difundem as ideias que circulam na sociedade. A sociedade civil, esta dimensão da vida social, não se encontra, entretanto, como algo externo ao Estado, mas como parte de um “Estado Integral”, que engloba tanto a sociedade civil quanto a sociedade política. Isto ocorre porque, para ele, as instituições da sociedade civil cumprem um papel de relevo na reprodução da vida social tal qual ela é, ou seja, sob o regime de exploração e dominação capitalista. A sociedade política compreende os instrumentos de coerção e monopólio da violência, aqueles mecanismos legais, militares, governamentais que se impõem ao cidadão e do qual não se pode escapar em condições de normalidade social. A esta, se soma a sociedade civil, que são instituições às quais se adere livremente e que cumprem a função de produzir o consenso, de disseminar ideias e ideologias que corroboram com a manutenção da ordem vigente; indivíduos e

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

organizações através dos quais a classe dominante exerce a sua direção intelectual, política e moral perante o conjunto da sociedade - usando o termo gramsciano, a hegemonia (COUTINHO, 1989, p.76-78). Assim que a ideia de Estado Integral tal qual desenvolvida por Gramsci compreende que “a supremacia de um grupo social se manifesta de dois modos, como domínio e como direção intelectual-moral” (COUTINHO, 2011, p.290). Como coerção e hegemonia, força e consenso.

Se o consenso é parte essencial da supremacia burguesa, os meios para que este consenso seja produzido são também parte fundamental do Estado. A imprensa, a indústria cultural, as escolas, as igrejas, são exemplos de organizações que cumprem um papel central na manutenção do *status quo* nas sociedades modernas. É aqui que surge outro conceito essencial para Gramsci, o de intelectual. Os intelectuais são os agentes por meio dos quais se trava a batalha pela criação ou manutenção da hegemonia. São os indivíduos que exercem a função social de organizar, educar, disseminar valores e ideologias que podem ajudar a reforçar ou a questionar um dado arranjo hegemônico. São jornalistas, professores, políticos, sindicalistas, sacerdotes, que incidem sobre o debate público e colaboram com posições que participam da conformação ou emergência de sistemas de hegemonia. Giuseppe Vacca agrega que a teoria dos intelectuais é fundamental para o desenvolvimento do conceito de hegemonia, uma vez que a capacidade de uma classe dominante de abarcar o conjunto da sociedade e formular valores funcionais à sua dominância que se universalizem dependem da atuação deste estrato social (2021, p.53).

Um exemplo clássico de interpretação da função intelectual na conformação de um reordenamento nas dinâmicas de poder é aquele realizado por René Dreifuss em 1964: *A Conquista do Poder*. O referido autor traça uma minuciosa reconstrução das atuações do complexo IPES/IBAD em diversas frentes, visando uma ação capilarizada e multifacetada que buscava a obtenção do consenso no interior dos grupos empresariais e das classes médias para o estabelecimento de um novo regime. Programas de rádio e TV, editoras de livros, elaboração de panfletos, montagens de peças de teatro, organização de grupos femininos, e um variado expediente de táticas e veículos de disputa política foi montado (DREIFUSS, 1981). A hipótese que levantamos, contudo, diz menos a respeito de um caso como este – uma ação centralizada e planejada de preparo para o assalto ao

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

poder por um setor de classe – e mais acerca da dimensão autônoma e livre da atuação dos chamados “aparelhos privados de hegemonia” na organização da cultura de uma época (COUTINHO, 1989, p.77).

### As histórias dos *Sons of the Serpent* como combate ao dissenso

A primeira aparição dos *Sons of the Serpent* acontece nas revistas *Avengers* #32 e #33, com data de capa de setembro e outubro de 1966, assinadas por Stan Lee e Don Heck. Neste arco narrativo o grupo é apresentado em algumas características básicas. Eles vestem túnicas verdes e máscaras, obedecem a um líder que se intitula “Supreme Serpent” e recitam um lema que diz que “assim como a serpente original expulsou Adão e Eva do paraíso, expulsaremos os estrangeiros desta terra”.

Assim, o inimigo declarado do grupo de vilões é o estrangeiro, ainda que fique evidente que eles têm uma concepção ampla do que estes seriam. Em uma das passagens da história os *Sons of the Serpent* atacam um homem negro americano, ordenando que ele os seus iguais não frequentem o bairro em que estão. Mais adiante, o *Supreme Serpent* detalha que o plano deles é manter o sangue americano puro, livrando o país da diferença de heranças e credos. Fica claro que os *Sons of the Serpent* é um grupo racista e supremacista branco, as referências à Ku Klux Klan sendo visíveis tanto no discurso quanto no vestuário, mas há ainda neste momento uma preocupação em não enunciar explicitamente a questão em tons raciais. Termos como “raça”, “etnia”, “racismo”, “brancos” e “negros” não são usados. Ao invés disso a querela é apresentada na forma de uma oposição entre um patriotismo purista e os estrangeiros, e as posições dos *Sons of the Serpent* são denunciadas na voz dos super-heróis como “intolerância” (*bigotry*).

Em paralelo às ações do grupo de vilões um outro personagem é revelado, o General Chen, chefe de estado comunista de uma nação “oriental”. Chen, que é descrito como tendo enfrentado os americanos na Ásia, está nos Estados Unidos para participar de eventos na ONU. Ao longo da história ele é mostrado fazendo críticas ao que ele chama de “decadente democracia americana”, por ser um sistema que permite o discurso de ódio. Para ele a democracia americana é uma fraude, um “tigre de papel”, evidenciado pelo fato de que os Estados Unidos pretendem policiar o mundo mas são incapazes de conter o ódio

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

em seu território. Ao final da história é revelado que o General Cheng é o “*Supreme Serpent*”, e que os *Sons of the Serpent* eram um plano para gerar desconfiança e ódio entre os americanos, promovendo uma divisão que favorece os planos de conquista dos comunistas.

Cheng parece ser um amálgama para representar diferentes líderes e movimentos comunistas ou de esquerda. A alusão aos EUA como “tigre de papel” remete à Mao-Tsé-Tung e à China comunista, a revelação de que ele enfrentou os americanos na Ásia aponta para os conflitos da Coréia e Indochina e o uso do uniforme militar se assemelha ao de diferentes movimentos revolucionários socialistas ou anticoloniais que povoavam a imprensa da época. Além disso, a atuação do personagem em solo americano denunciando a democracia local como racista e hipócrita parece remeter à memória então recente da estadia de Fidel Castro no Harlem, à retórica dos movimentos de luta contra a Guerra do Vietnã e mesmo aos discursos de Malcolm X.

O enredo faz questão de demarcar a intolerância, a xenofobia, e a ideia de pureza racial e cultural como negativas e antiamericanas. A referência à Ku Klux Klan, implícita nos *Sons of the Serpent*, coloca o supremacismo branco na posição de vilão incontestado. Neste sentido, pode ser entendida como parte da iniciativa de trazer a discussão sobre intolerância para dentro das histórias de super-heróis, estabelecendo conexões com o contexto político de luta pelos direitos civis em curso no país. Contudo, o racismo propriamente não é abordado, mas sugerido, e a narrativa não apresenta nada além da manipulação estrangeira como causa para sua existência. O fato é que a história apresenta as tensões advindas dos conflitos raciais como maléficas para a unidade do país, mas coloca a culpa pelo crescimento das tensões na ação dos comunistas. Curiosamente, na arena política americana, a acusação de agentes comunistas recaía justamente sobre lideranças da luta negra como o próprio Martin Luther King Jr., além de ser também usada de modo generalizado para os ativistas da luta contra a guerra. Assim, há uma confusa mistura de informações presente na história não apenas quando a analisamos em sua lógica interna, mas também em relação com o debate público de seu tempo. O que é visível é a tentativa de equiparar a extrema-direita supremacista e a esquerda militante ou revolucionária como faces de uma mesma ameaça à liberdade e às tradições políticas americanas.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Aos super-heróis coube nesta história o papel de reafirmar a confiança nas instituições e nas mitologias americanas em 1966 - quando a rebelião de Watts já havia destampado a insatisfação da população negra fora do sul e os cartões do *draft* já eram queimados ao redor dos Estados Unidos. Os heróis fazem uma coletiva de imprensa para pedir calma, dizer que os *Sons of the Serpent* devem responder por seus atos perante a lei e desestimular a justiça com as próprias mãos. Ao longo da história são inseridos cidadãos comuns e funcionários públicos para veicularem frases de reforço da ordem constituída. Um policial diz que nos EUA ninguém pode ser preso sem provas. Em alguns momentos personagens reafirmam o direito à livre expressão, desde que mantido dentro da lei. Outro diz que os americanos têm a lei, a polícia, o governo e a justiça para proteger a liberdade deles. O discurso final feito pelos heróis diz que é preciso ficar atento àqueles que tentam jogar os americanos uns contra os outros, pois isso fragiliza o país.

Em suma, há em todo arco narrativo um senso de que é preciso ter paciência, deixar as instituições trabalharem e confiar nos valores americanos, em um momento em que a paciência se esgotava, e tais instituições e valores começavam a ser amplamente questionados. O discurso de dissensão, seja ele pela esquerda ou pela direita, é vilanizado e entendido como maléfico para o país.

O segundo arco envolvendo os *Sons of the Serpent*, publicado em *Avengers* #73 e #74 (fevereiro e março de 1970), e assinado por Roy Thomas e John Buscema, apresenta um discurso muito menos ufanista e que revela certo mal-estar com a realidade americana. Já no início da história o super-herói que a protagoniza, o Pantera Negra, se refere à América como uma “terra de contraste, triunfo e tragédias”. Mais adiante, o narrador fala que na “terra dos livres” a liberdade é sempre um ideal e às vezes uma realidade. Este recuo para um discurso mais realista e matizado sobre os Estados Unidos pode ser entendido como uma tentativa de dialogar com uma conjuntura política que tinha como herança a formação e atividade do *Black Panther Party*, a continuidade da luta contra a Guerra do Vietnã, bem como a retomada de uma ofensiva conservadora que culmina com a eleição de Richard Nixon. A percepção de uma nação convulsionada e polarizada politicamente atravessa todo o arco narrativo.

Este pano de fundo se materializa na história na forma de uma oposição entre dois apresentadores de talk-show, o ativista negro Montague Hale e o supremacista branco

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Dan Dunn. A forma como se dá o embate entre os dois, assim como a demonstração de apoio a cada um deles por parte de espectadores da discussão tenta passar a ideia de entrincheiramento, onde o espaço para diálogo ou concessões é pequeno.

Desta vez, ao contrário do arco anterior, as referências à questão racial são explícitas. O slogan dos *Sons of the Serpent*, é modificado para expressar o objetivo de expulsar não apenas os estrangeiros, mas também os inferiores e os impróprios (*unfit*). Eles fazem discursos dirigidos à “América Branca” e os ataques feitos pelo grupo são todos relacionados à raça: dois personagens negros e o prédio do *Equal Employment Bureau*, indicando rechaço às ações afirmativas. O apresentador de talk-show branco fala para seu convidado negro “voltar pra África”, e faz uma piada citando a política de “*separated, but equal*”, que fundamentava as leis de segregação sulistas.

Contudo, mais uma vez, a tônica da história aponta para uma equivalência entre polos antagônicos, desta vez o radicalismo negro e o supremacismo branco. Ao final da segunda edição é revelado que os dois apresentadores de TV, que se digladiavam diante do público, na verdade estavam juntos por trás das ações dos *Sons of the Serpent*. O objetivo deles era provocar uma guerra racial nos Estados Unidos como forma de conquistar o poder. O discurso anticomunista, que tinha o costume de buscar no exterior a origem das ameaças ao país, e que colocou o General Cheng como vilão-mor do arco anterior dá lugar para uma preocupação mais urgente e intestina. O personagem Montague Hale parece representar o radicalismo negro que ganhou corpo nos Estados Unidos principalmente desde a fundação do *Black Panther Party* e da popularização do slogan *Black Power* a partir de Stokely Carmichael e do SNCC. Hale faz críticas à política do establishment para a população negra, diz que o país merecerá queimar em chamas se as pessoas não se posicionarem diante da ameaça racista, e resiste a acreditar em incriminações contra um negro. Em um dado momento, quando os *Sons of the Serpent* passam a cometer crimes em nome do Pantera Negra para jogar a sociedade contra ele, isso é feito por meio de saques contra lojas de proprietários racistas. Esta escolha indica ao leitor por associação que tal comportamento infame e criminoso, indigno de um herói, é justamente aquele que as massas populares, em grande medida negras, tomaram ao longo dos anos 1960 com as rebeliões de Watts, Newark, e nas mais de 100 cidades em que houve levantes após o assassinato de Martin Luther King Jr. As falsas acusações que

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

o Pantera Negra sofre dão uma indicação de quais seriam as marcas da indignidade: ser um “criminoso”, “anarquista”, “revolucionário”, “militante”, “saqueador”.

Observando os dois debatedores na TV os heróis não tomam partido e veem na situação toda uma ameaça. O herói Jaqueta Amarela diz que os *Sons of the Serpent* conseguirão indiretamente (por meio da agitação televisiva) o que não foi possível pela força: colocar uma metade do país contra a outra. A Vespa diz que Hale não é civilizado. E o Pantera Negra, vê em Dunn um incendiário, mas espera que ambos os lados acabem entendendo suas responsabilidades. Ainda que o foco da história seja o combate às ações e projetos supremacistas dos *Sons of the Serpent*, o radicalismo negro aparece o tempo todo como sócio minoritário da convulsão do país, o que é confirmado pelo desfecho da história.

A trajetória de dois outros personagens negros são tomados como opostas à do agitador Montague Hale, indicando um caminho alternativo para a conscientização negra. A personagem Monica Lynne é uma cantora que inicia a história querendo distância de qualquer discussão política e preocupada apenas com sua vida. Ela sofre um atentado dos *Sons of the Serpent* e, por influência de Montague Hale começa a adotar um discurso mais radical. O outro é o Pantera Negra, que até então nas histórias mantinha em segredo o fato de ser negro. Ambos se encontram durante a narrativa e passam a colaborar para a derrota dos *Sons of the Serpent*. Ao final da história fica a cargo de um diálogo entre os dois encaminhar ao leitor a mensagem final: que mesmo uma causa justa pode se ver agredida por maus líderes e que ambos precisam a partir de agora se engajar na causa de seu povo. Fica evidente que a história anuncia a necessidade de que os negros se engajem na luta contra o racismo, mas que este engajamento necessariamente precisa ser diferente daquele de radicais como Montague Hale que, ao fim e ao cabo, possuem interesses mais alinhados aos racistas brancos do que ao seu povo.

### Conclusão

As histórias em quadrinhos, consideradas por muito tempo um meio de entretenimento vulgar e infantil, sem qualidade artística ou conteúdo socialmente relevante, se revelam quando analisadas mais detidamente um objeto valioso para a

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

História. Pierre Bourdieu já havia nos alertado para o valor dos objetos indignos, aqueles que, por seu caráter dessacralizado, se colocam mais abertamente à crítica (2003, p.205-206). As considerações feitas acima nos parecem sugerir que as referidas histórias em quadrinhos guardam mensagens políticas que buscam dialogar com a conjuntura americana em que foram produzidas. Este diálogo passou pela denúncia do racismo, da xenofobia e da intolerância em um período em que o movimento de luta pelos direitos civis viveu o seu auge e produziu conquistas legais e institucionais. Esta abertura para incorporar um discurso mais assertivo em favor da “tolerância” pode ser lido como um posicionamento em favor da dessegregação e das demandas por igualdade.

Mas como Asad Haider nos alerta, as demandas de grupos subalternos também podem ser apropriadas de modo a servir para propósitos conservadores de reprodução do *status quo*, especialmente quando são dissociadas dos elementos estruturais que condicionam as dinâmicas políticas do capitalismo (2019). Assim, estas histórias também se posicionavam quanto a grupos políticos que faziam parte da luta antirracista diretamente ou por associação, como os movimentos de esquerda, governos produzidos pela luta anticolonial, os movimentos de luta contra a Guerra do Vietnã, e os movimentos negros associados ao *Black Power*. Estes atores políticos eram vistos como parte do problema e ligados ao extremismo racista por meio de artifícios narrativos.

Em se tratando de uma conjuntura política de crescimento dos movimentos de dissenso e contestação, e com a radicalidade de suas ações, as revistas da Marvel Comics analisadas caminharam no sentido de semear a desconfiança naqueles que eram vistos como radicais e reafirmar caminhos de moderação. A ação consciente de desacreditar movimentos que se insurgiam em diferentes graus contra a ordem de coisas, portanto, pode ser lida como uma iniciativa de reforço da capacidade de manter esta mesma ordem por meio do consenso.

## **Bibliografia**

BLOOM, Joshua e MARTIN, Waldo. **Black Against The Empire: The History and Politics of the Black Panther Party**. Berkeley: University of California Press. 2012.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de Século. 2003

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

COUTINHO, Carlos Nelson (Org.). **O Leitor de Gramsci**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci: Um Estudo do seu Pensamento Político**. Rio de Janeiro: Campus. 1989.

DREIFUSS, René. **1964: A Conquista do Estado**. Petrópolis: Vozes. 1981.

GITLIN, Todd. **The sixties: years of hope, days of rage**. Nova York: Bantam. 1993.

HAIDER, Asad. **Armadilhas da identidade: raça e classe nos dias de hoje**. São Paulo: Veneta. 2019.

HALL, Simon. **Tem days in Harlem: Fidel Castro and the making of the 1960s**. Londres: Faber & Faber. 2020

JOSEPH, Peniel E. **The Black Power Movement: Rethinking the Civil Rights-Black Power Era**. Nova York: Routledge. 2006

VACCA, Giuseppe. **Alternatives modernities**. Cham: Palgrave Macmillam. 2021.